

Um outro desenho do vulto _ ou a Performance Art dentro Das Vanguardas em Portugal

Partindo de algumas denominações editadas, é de observar que o que surge como narrativa de perfil, enquanto agente do trabalho que venho desenvolvendo no território das artes, faz-se enunciar como o de estarmos perante um autor em compromisso com a Performance Art, ou mesmo com os tempos geradores da mais acesa implementação desta disciplina em Portugal ("António Barros é um dos nomes relevantes do contexto da poesia experimental e das artes performativas em Portugal", João Fernandes, *Artistas Portugueses na Colecção da Fundação de Serralves*, 2009).

Nessa procura de condição distintiva — modo de fazer encontrar um referente de leitura e enunciação orientadora de identidade — julgo, no bom gesto do seu modo, a verdade obrigar uma análise aturada, tudo para que se aproxime de uma definição com rigor bastante.

[Nesta resolução autoscópica, e em alternativa à denominação de Artista, recorde-se: vejo-me a preferir a condição de Artor (Jean Clarence Lambert). De um outro modo, num lado contrário ao de formular atitudes Artísticas, colhi um gerar de "Artitudes" (Abraham Moles). Em alternativa a uma sacralização condensada da Arte, almeja-se uma "Arte de situação" (a de Guy Debord, ele o Autor, muito para além da "Sociedade do Espectáculo"). Buscando assim a minha *lâmina de autenticidade* assumo uma entrega decidida na gestação de "Progestos" no lugar de "Performances", e a criação de "Obgestos", e não de meros "Objectos de Arte".]

Mas será esta necessidade a de uma causa genômática? Ou tudo resultou de um cenário de *contaminações* — de Cultura?

Contaminações como as geradas na senda de António Areal. E não terá sido a genialidade de Areal já um premonitório gesto performativo a querer *contaminar*? *Contaminações* como as de António Aragão — este já tão performativo nos seus articulados fundacionais da "Poesia experimental"? E Oscar Niemeyer — não seria todo o seu comportamento já um vulcão performativo também?

Privei, assim, com os três na ilha — Areal (na moldura do seu *exílio*), Aragão (em convulsas migrações) e Niemeyer (na sua visita secreta). E herdei um marco de desenho do *estar*, numa anatomia do *estar*. Nos vultos de um mapa de Vida. E de como a Arte, em Vida (e a Vida em Arte), se anunciavam já. E desde aí, ser, ou poder ser, uma outra coisa.

Como processo vestibular, e para procurar sentido ao discurso aqui exposto e em estudo, deveremos talvez visitar os anos setenta. E assim, nessa orientação, logo nos cruzamos nas *preOcupações* genômáticas da Performance Art, nessa geografia com José Ernesto de Sousa, e a assertiva procura do seu conceito primeiro, então, ainda vivo de uma territorialidade de enigmas. Fernando Calhau e os seus desígnios, não da performance do equipamento motor, mas os da "performance do próprio autor". Ou mesmo Jorge Lima Barreto e as suas crónicas convulsivas num r(h)umor *severamente* catártico (JL, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa).

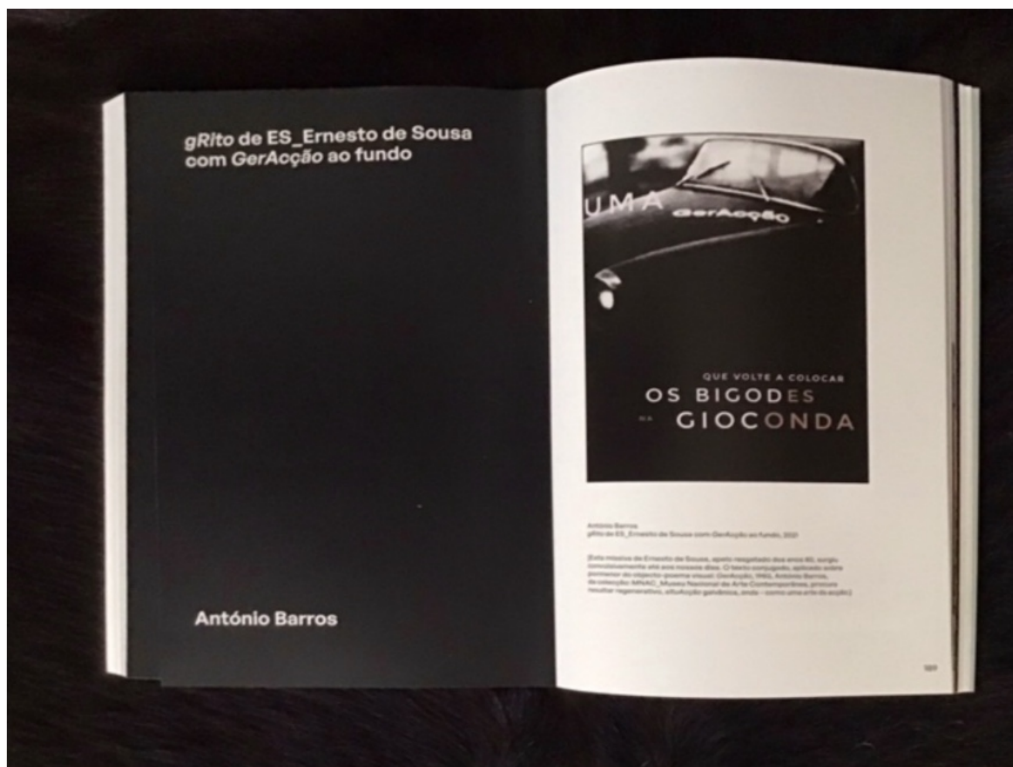
Para continuar a leitura, é de observar que, já na década seguinte à antes enunciada, há um testemunho que resultou consequente, pleno de continuadas diligências a seu tempo, e a valer portanto uma visitação também. Refiro-me ao estudo de Isabel Carlos — "Performance ou a arte num lugar incómodo" (tese de mestrado em Comunicação Social, com orientação de Adriano Duarte Rodrigues, Universidade Nova de Lisboa, 1992), objecto portador de inquietações diversas, interacionantes, e que encontraram em Coimbra um *fórum* comum no *Círculo*.

Mas o *Círculo* (leia-se, então, CAP - Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, hoje, e desde 1980, CAPC - Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra), como comunidade artística vocacionada para a experiência plural, resultou contemplado com contributos significativos de autores portadores de grande força inventiva e sentido de Arte. Esses, que tanto resultaram geradores de uma talvez (im)possível identidade de culto das "artes em performance". Foram eles, entre mais, João Dixo; Albuquerque Mendes; Fernando Pinto Coelho; Armando Azevedo (quatro artistas enunciados como uma das constelações mais vigorosas do — performativo — Grupo Puzzle); Tília Saldanha (com obra publicada e revisitada pelo Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e no Museo Vostell Malpartida, Cáceres, 2014); o Artitude:01 (um programa de revista de intervenção performativa que criei, e partilhado com Isabel Pinto, Rui Orfão, José Louro, João Torres e Isabel Carlos); Assunção Pestana (premiada na área da vídeoperformance pela Fundação Calouste Gulbenkian); GICAPC, o Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (uma das mais originais referências da "Alternativa Zero", 1977, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa, projeto curatorial de Ernesto de Sousa), grupo mais tarde titulado com a marca nominal: "Cores", operação artística cujo coletivo e seus intervenientes (António Barros, Armando Azevedo, Assunção Pestana, Manuela Fortuna, Rui Orfão, Teresa Loff e Tília Saldanha) mereceram homenagem pública a partir da 1.ª edição do Festival Internacional das Artes da Performance "Line Up Action" (Coimbra, 2010), iniciativa com Direção de Fernando Matos Oliveira (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Estudos Artísticos) e de António Azenha (Associação Artística ICZero). Homenagem que se fez testemunhar com a publicação, pela mesma estrutura organizativa, de um livro conjugando diversos estudos e depoimentos de leitura oportuna para entendimentos, outros, da causa performativa.

Note-se que, se é meritório sublinhar exemplos dos diferentes agentes que resultaram interventivos na comunidade do *Círculo*, julgo também oportuno tornar inteligível algumas das expressivas *contaminações* colhidas.

Aí, nessa paisagem de influência e filosofia, há uma Cultura fundadora gerada pelo "Movimento artístico" assumido pelo Grupo FLUXUS, coletivo aqui nutrido com a intervenção ativa de Joseph Beuys, Robert Filliou e Wolf Vostell, artistas, estes, tantas vezes a responder aos desafios de José Ernesto de Sousa. É também aí que reside a história da "escultura social", do "happening", e da "décollage_décoll/age".

Mas não são menos significativas as experiências ensaiadas com Julian Beck e Judite Malina, que, com *The Living Theatre*, privaram connosco — com a comunidade do *Círculo* — em diferentes operações de Arte ("Ser Moderno em Portugal", Ernesto de Sousa). Como é justo referir a oportunidade de eu ter recebido — numa dinâmica exploratória que no CAPC convocou também princípios da Performance Art — a genial compositora e performer Meredith Monk. Esse valor incontornável da performatividade da voz como instrumento musical, e seus referentes conexos (BUC - Bienal Universitária de Coimbra).



gRito de ES_Ernesto de Sousa com GerAcção ao fundo, 2021, António Barros

[Esta missiva de Ernesto de Sousa, apelo resgatado dos anos 80, surgiu convulsivamente até aos nossos dias. O texto conjugado, aplicado sobre pormenor do objecto-poema visual: GerAcção, 1980, António Barros, da colecção: MNAC_Museu Nacional de Arte Contemporânea, procura resultar regenerativo, situAcção galvânica, onda — como uma arte da acção.]

in: Ernesto de Sousa 1921-2021: uma criação consciente de situações | uma situação consciente de criações, Mariana Pinto dos Santos e Afonso Dias Ramos (Editores), Edição do Projecto PIM - Primitivismos Ibéricos e o Imaginário Primitivista (PTDC/ART-HIS/29837/2017). Editora IHA/NOVA FCSH.

Atente-se, contudo, que se com Ernesto de Sousa comecei por integrar a "Alternativa Zero" para depois fazer enunciar as minhas Artitudes [vindo a pertencer ainda à comunidade artística "Diferença", Lisboa, em resposta ao seu desafio], também com Egídio Álvaro semelhantes circunstancialidades se fizeram enunciar. Era um tempo de "alternativas" plurais, e entendiam ambos que esse era o meu lugar. Era todo um tempo da Performance Art e de todas as convulsões que lhe surgiam conexas. E eu estava mais por aí, nessa galvânica cintura de irreverências. Inscrevi as diferentes edições de "Alternativa" com a assinatura curatorial de Egídio Álvaro, que me colocou nos sublinhados da AICA a par de António Areal como seu autor eleito (Mostra da AICA, Associação Internacional dos Críticos de Arte, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1985).

Em Mont Rouge visitei Egídio Álvaro (2014, Paris) para o integrar na constelação de "Andante", nessa *galeria de afetos, escultura social* que interpreta razões dinâmicas múltiplas do quanto conjuga a peça "ExPatriar" (obra premiada, 2013, coleção Fundação Bienal Cerveira). De, e para Egídio Álvaro, estudou a sua obra e espólio documental Ana Luísa Barão. Um retrato em construção, mesmo *quando a mente se dilui como um vaso de água*.

Foi ainda contributiva, na difusão e consciencialização dos modos de Arte no Tempo aqui sinalizado, a iniciativa "Dois Ciclos de Exposições: Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa", curadoria de Alberto Carneiro e António Barros, Galeria CAPC, Ano de Actividade 1979-80, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Obras geradas em territorialidades que poderemos considerar, também, de sensibilidade performativa, inscrevendo a presença de artistas com trabalho na comungante fronteira desses domínios, como Helena Almeida, Ana Hatherly, Julião Sarmento, António Palolo, José de Carvalho, António Barros, António Aragão, Alberto Carneiro, Silvestre Pestana, Alberto Pimenta, Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, e ainda talvez o mais assumido como artista da performance — José Conduto.

No contexto da iniciativa: "**Dois ciclos de exposições: Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa**", Círculo de Artes Plásticas, Ano de Actividade 1979-1980, há uma característica particular que merece referência: os participantes então elegíveis.

Ainda que a coordenação da iniciativa fosse assumida por Alberto Carneiro ["Novas Tendências na Arte Portuguesa"] e António Barros ["Poesia Visual Portuguesa"], para cada um dos ciclos, surgiu uma lista de convidados. Contudo entendi então propor, e para além da lista apresentada por Carneiro, outros três nomes: **José Ernesto de Sousa, Túlia Saldanha e José Conduto**. Só Conduto foi aprovado, pois um ano de actividade era um calendário limitador. Transitariam assim para uma edição a surgir no ano de actividade seguinte. Vale referir ainda, que no ciclo: "Poesia Visual Portuguesa" foi também convidada **Salette Tavares**, que só então não participou por motivo de doença grave.

As artes da performance, como actividade gregária, convivial, mutualista, experiencial e de uma singular conjugação do binómio: arte-educação, formula condição e convocatória para diferentes práticas. Nesta *cápsula* de sentidos múltiplos gerei diferentes modos, como foi o de um *objecto-livro habitado*, com textos visuais grafados, gesto para: Troisièmes Rencontres Internationales de Poésie Contemporaine — 3e Festival International de Poésie de Cogolin; assim como uma escultura comportamental, inédita leitura gregária de um texto de Maria Gabriela Llansol [trabalho genuíno inscrito no então Programa de Exposições Experimentais da Secretaria de Estado da Cultura].



António Barros, *Corpo_objecto_livro*, 1983, 3e Rencontres Internationales de Poésie de Cogolin <https://www.performingthearchive.com/item/1636>



É neste alinhamento — e dando continuidade a uma atividade de socialização da, e pela arte no lugar — que a operação vem a gerar na cidade novos formatos laboratoriais onde surge com meu empenho, e compromisso fundador, a revista experimental Artitude:01. E como galvanização das suas práticas, e procuras, o simpósio "Projectos & Progestos" ("Esta danada caixa preta só a murro é que funciona", objecto-livro, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, resulta aqui como oportuno contributo a fazer testemunhar o legado).



Em "Projectos & Progestos" artistas de domínios diferenciados, referências internacionais das Artes em Performance, entre 1980 e 1985, deslocaram-se então a Coimbra para uma partilha da reflexão sobre a desafiadora tendência para um devir das novas linguagens da Arte. São alguns dos nomes que surgiram a formular contributo: James Coleman, Nigel Rolfe, Julian Maynard Smith, Stathion House Opera, Ken Gill, The Basement Group, Peter Trachsel, Ernst Thoma, Alistair MacLennan, Mineo Aayamaguchi, Dominique Labaume, Frank Na, Erna Nijman, Plassum Harel. Como também participações outras, a distância, com apresentação de obras, conceitos e ideias de autores na dinâmica dos "Artist-Run Spaces", como as de Gzregorz Sztabinsky, Rolf Lobeck, Sabine Hartman, Lydia Schouten, Wolf Vostell (participação conjugada com o meu trabalho no Museo Vostell Malpartida) e Pina Bausch (a partir do meu tempo de residência em Wuppertal, operação "Vostell Fluxus Zug_Eine Mobile Kunstakademie"). E portugueses, sempre com presença viva, como Ricardo Pais, E. M. de Melo e Castro, José de Carvalho, João Vieira, Alberto Pimenta (em "Conductus", com Isabel Carlos, José António Bandeirinha e Jorge Vasques) e ainda, entre muitos outros, Jorge Lima Barreto (vendo testemunhado em Coimbra o seu empenho com o livro, o primeiro da coleção Contaminações — "John Cage, Música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto", obra que assinei, e que com apresentação de Emanuel Dimas de Melo Pimenta, músico e compositor brasileiro que trabalhou com Cage, foi lançado numa edição Alma Azul, na Casa da Escrita, em 2013, Coimbra).

Consequência e colateralidade da intervenção constante sobre a cidade, e a sua sensibilização para uma socialização com referentes das "Artes em Performance", foi o Projeto "Califa Tempo de Cultura" (Direção artística que assumi), e onde foi formulada a apresentação da obra emergente dos então múltiplos novos autores. Valores que resultaram revelação, a seu tempo. Nomes como Manuel Portela (Performance e Literatura experimental), Nuno Cardoso (Performance e Teatro) e Albrecht Loops (Performance e Música electroacústica).

Performatividades outras, como as resultantes da/na moda (do traje às *travestizações* do corpo comprometido) com peças de autores como Dina Luís, José António Tenente e Ana Salazar (autora que galvanizou a razão *performativante* do meu desafio para a criação de um alternativo traje académico para a Universidade de Coimbra, criações com edição na revista Via Latina, publicação que coordenei para a Academia de Coimbra), vigoraram ainda nesta mesma contextualidade. Toda uma motivação surgida em procura de condições suporte potencialmente geradoras de razão, e também as da catarse performativa.

Mas após a ebulição destas resgatadas diligências, que resultados me permite a memória *tangível*? E o que ainda, aqui, se quer fazer enunciar?

Depois de tão vivenciadamente me ter feito confrontar com as obras de Marina Abramović e Ulay na sua esculturalidade solene, e ter experienciado a mesa acústica de Laurie Anderson (Stedelijk Museum Amsterdam), ou o móvel de reserva e silêncio de Jochen Gerz (Goethe Institut, Alemanha), tive necessidade de encerrar um ciclo. De procurar observar, na obra em público, uma disponibilidade que é essencial para residir num contexto que é procura de excelência. Uma sublime arte de comportamento. E neste norte de consciências reservo-me, olhando para a produção lusa, sobre três autores cujas obras se enunciam fundamentais: Helena Almeida, Alberto Carneiro e Jorge Molder. Mas não serão estas exímias narrativas exemplos de uma performatividade maior nas artes da imagem? Contemplação bastante? Ou o Sublime em Verbo?

Para Alberto Carneiro — e na cidade de Coimbra como sede e suporte do elogio público que entendi dedicar a este artista maior das Artes do Conceito, e das Artes performativas também —, assinei a direção artística da iniciativa "Alquimias, dos Pensamentos das Artes, Encontros de Arte, Coimbra 2000".

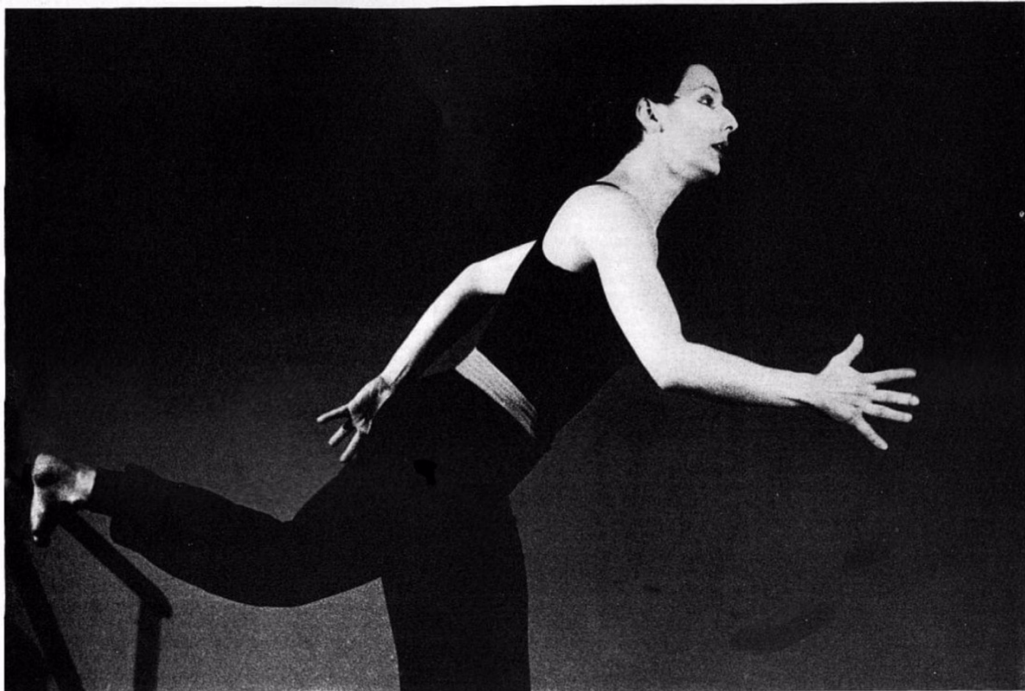
Na conjuntura do evento que inscreveu cerca de uma centena de artistas de diferentes gerações da Arte Contemporânea portuguesa, uma Mostra antológica da obra de Alberto Carneiro sublinhou a nobre dimensão da sua Arte ("Alberto Carneiro — Arte, Corpo, Natureza, Presença e Percurso Antológico 1969/98", 10 exposições, Leituras, Documentos). E também porque a Academia de Coimbra foi o seu espaço laboratorial de eleição onde, com grande autoridade pedagógica e artística, conduziu o *Círculo* (CAPC).

Em Portugal é talvez na dança contemporânea que a performance dos *comportamentos* melhor se encontra e veio a resultar mais consequente.

Numa prática continuada, e de conjugada comunhão, trabalhei em diferentes projetos numa convocação de plasticidade para a Dança.

O exercício primeiro foi "Memórias Recentes e Refrações do Festival", coreografia de Paula Massano, com Carlos Zíngaro na Música, e António S. Ribeiro no Texto, tendo eu criado a componente Plástica da operação artística (BUC/SITU, 2-10 maio, 1986, Coimbra).

Paula Massano construiu uma obra genuína, rica de ícones de uma etnografia africana invulgar, arte de referência para o seu tempo. Antes havia Paula Massano trabalhado em Nova Iorque com Merce Cunningham.



• Foto: GUILHERME SILVA ©

• Paula Massano / Solos-IV SITU — Coimbra, 1984.

171

T E L E F O N A - M E

ESTÁ A OUVIR O ATENDEDOR AUTOMÁTICO
DEIXE NOME E MENSAGEM DEPOIS
DO SINAL.

ICI C'EST LE RÉPONDEUR AUTOMATIQUE:
VEUILLEZ LAISSER MESSAGE APRÈS
LE SIGNAL.

THIS IS AN ANSWERING MACHINE:
PLEASE LEAVE YOUR NAME AND MESSAGE
AFTER THE BIP

I

— você não está!
foi-se embora e deixou-me um pedaço de voz, em
plástico.
É um cupido automático, sabia?
(...) que lhe posso eu dizer?
pensava encontrá-lo no extremo da minha boca...
e encontro o seu coração electrónico.
(...)
você é aquilo a que se chama um amante de futuro!
(...)
Sem rosto, sem presença, sem riso, sem amor, sem
dor, sem raiva, sem corpo, sem desejo (...)
sem, nada!
Divino coração electrónico.
(...) eu ia telefonar-lhe para lhe dizer (...)
olhe deite lá! (...)
Da próxima vez escrevo-lhe cartas.
Aqui na cidade estamos todos tão perto;
estamos todos tão longe: (...)

II

Você está sempre a partir, sempre a partir.
... E eu estou aqui.
Estána, nocturna;
pareço Ulisses, amarrada a um tronco de plástico.
este bip bip
é o seu canto das sereias?!!
De que ilha é você o herói?
Pronto! Já está a construir ficções.
Você e as suas ficções!...
Olhe sabe! telefoni-lhe...
ia falar-lhe de um objecto inútil.
ia falar-lhe (...) de amor.
Do fascínio do objecto inútil.

Texto de António S. Ribeiro, para a coreografia
"Solos" de Nuno Carinhas e Paula Massano —
Estreia na IV SITU, 1984.

Paula Massano, fotografia cortesia de Guilherme Silva, Revista Via Latina, 1985-86, Número de Inverno.

Ver +: "Anos 80 – Em modo Testemunho" – Arquivo Digital da PO.EX

Um ano depois a obra "Lisboa-Nova Iorque-Lisboa", com Paula Massano e Margarida Bettencourt na Direção de Arte do programa, surgindo a Realização com Dança de Francisco Camacho (coreógrafo ainda hoje com grande vigor, resultou num soberbo escultor do seu próprio corpo, *performatizando-se*), José Laginha, e Filipa Pais (também no alinhamento de um estudo com Merce Cunningham). A Música foi de Carlos Zíngaro, o Texto de António S. Ribeiro, num programa onde também assumi a Direção Plástica da Obra.

Desta convergência de estudos, e experiências de arte, resultou o projeto CIM, Centro de Investigação e Movimento (Paula Massano, António S. Ribeiro, Carlos Zíngaro e onde me fiz inserir, também, como um dos fundadores da arquitetura pluridisciplinar do programa, Lisboa).

Nesta moldura de memórias a procurar diálogo possível entre a Dança Contemporânea e a Performance Art, há um registo singular que ousei editar (quando assumi conduzir a revista Via Latina, número: Inverno 1985-86, Academia de Coimbra). Todo o motivo era uma página completa: "Telefona-me". Paula Massano, fotografia de Guilherme Silva, e Texto de António S. Ribeiro (para "Solos" de Paula Massano e Nuno Carinhas, IV SITU, 1984, Coimbra). E aqui esta página (mancha a preto/branco sobre 31,3 x 31,3 cm) insinua-se e ensina. Há toda uma ressonância de alma no que os olhos conseguem ver. Um corpo ausente da beleza e da sensualidade. Antes todo um *vulto* sensorial, e *bastante*. Uma escultura para além da escultura. Luz que o corpo porta e transporta. E não será isso uma pretensa enunciação da Performance em Arte, apenas?

É plural a galeria de eleição que me permito fazer sublinhar nesta procura de consciência. E tudo para além do compromisso, sempre tão plástico, de Vera Mantero, João Fiadeiro e Ana Borralho & João Galante. Mas neste convulsivo ancoramento de excelências a quererem ser "Performance", cumpro-me sublinhar Paulo Ribeiro quando, e para além da utopia, o apresentei no palco *fora de palco* com a obra "Ao Vivo" (Jardim da Sereia, "Alquimias, dos Pensamentos das Artes, Encontros de Arte, Coimbra 2000").

Alquimias, dos Pensamentos das Artes_ Encontros de Arte Coimbra 2000

No ano 2000 fui convidado pela ANF, Associação Nacional das Farmácias (nas comemorações dos 25 anos desta instituição), para arquitectar um programa de *Encontros de Arte* a surgir na cidade de Coimbra, no domínio, mormente, das Artes Plásticas. Com a condição de assumir apenas o primeiro projecto, aceitei arquitectar testando, um modelo para uma primeira edição em protótipo, sendo as seguintes edições, e a surgirem, geradas por outras curadorias e instituições que não a titulada de ***Alquimias, dos Pensamentos das Artes***. Todo um desafio a gerar, de modo consequente, uma continuidade mais tarde, o que veio a surgir.

Num espírito gregário, convidei vários colaboradores institucionais e pessoas individuais e colectivas que, com grande entusiasmo, aderiram ao desafio. Aí tivemos a Universidade de Coimbra, o Museu Nacional de Machado de Castro, a Câmara Municipal de Coimbra, o CAV, Centro de Artes Visuais, o então Museu da Água de Coimbra, Delfim Sardo, João Sousa Cardoso, Paulo Ribeiro, António Pedro Pita, António Olaio, e Anabela Duarte, e. o. E para além de uma constelação de prestigiados artistas, de Miguel Palma a Pedro Proença ou Paulo Mendes. Para surpresa minha, só o CAPC, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, declinou, então, o convite.

No modelo desta iniciativa, e para cada edição, surgiria um artista homenageado. Para *Alquimias*, e como *primeira edição em protótipo*, coube a escolha fazer homenagear **Alberto Carneiro**, figura maior da história do CAPC. Certamente a maior exposição antológica da obra do autor em Coimbra, e uma das maiores no país a sublinhar o trabalho deste singular escultor e pedagogo. Foi publicado um livro a testemunhar a iniciativa. No mesmo âmbito foi gerada a obra de arte em espaço público: "Fui tirado de dentro de mim", peça inédita do escultor **Rui Chafes**, oferecida à Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Realizou-se, neste âmbito, um concurso a nível nacional. As peças dos artistas premiados residem no espólio do Museu da Farmácia, em Lisboa, apresentando as obras em diversas exposições. Nesta temporalidade, e com o realizador João Luís Azevedo, gerei o documentário videográfico: "**Momentos**", presencial testemunho inédito, em modo de aula pública, de Alberto Carneiro revelando a sua Obra, apresentado na operação educativa: "**da flor, esse rosto de esGrita**", Fundação Bissaya Barreto, 2024, Coimbra.

Ver: https://po-ex.net/images/stories/antoniobarros/antoniobarros_reler-alquimias.pdf

Visitações múltiplas a territórios diversos, esses que convocam saberes das *artes do comportamento*, também são possíveis de fazer cruzar na paisagem exploratória que aqui se infere. E nessa leitura, as experiências em torno daquilo que procurou afirmar a obra de Jerzy Grotowski parecem-me fundamentais. Não que seja possível con_fundir os princípios grotowskianos com a Performance Art. Grotowski ao ter tão aturada e genialmente feito diferenciar o "actuante" do "actor", nunca aceitaria que performance resultasse como uma linear herança desses princípios. Mas poderemos considerar, contudo, que a obra de Grotowski abriu caminhos únicos e gerou toda uma soltura que resultou contributiva para uma chegada mais fluida da Performance Art. Formulei várias situações em contexto com esta paisagem de preocupações. De vivenciações, e mais concretamente na experiência das dinâmicas de um acto (ACTO, Instituto de Arte Dramática, com Christine de Villepoix e Filipe Pereira. "Claridade dada pelo tempo", de Mário Henrique Leiria e "Hinos à Noite", de Novalis, com o seu sempre conceito gerador, foram as *dinâmicas* que conduzi nesta contextualidade com eleição, e foram as que aqui mais atenção me mereceram).

Também neste sentido exploratório, e no alinhamento seguinte, contribuí na gestação e identidade operativa da comunidade artística AReploratoriodasartes (comigo surgiram no projeto Lúcia Ramos, Bénédicte Houart, Sandra Resende e Rui Soares, Coimbra) onde a conquista de referentes culturais outros, também a Oriente, teve uma vitalidade singular com uma revisitação do teatro nipónico de sentido Kabuki. Também novos estudos resultaram aqui ativos, levando a que parte do coletivo do AR se deslocasse a Vilnius para trabalhar com Eimuntas Nekrosius na busca de uma "altura maior para o seu céu".

Numa revisitação do conceito (não do feito, mas do conceito) onde as "artitudes" e a "escultura social" convocam a palavra, e a palavra gera toda uma galvanização situacionista, procurei na "literatura experimental" um percurso que revisita modelos desenhados no tempo, e para um tempo que procura reinventar a todo o tempo a soltura.

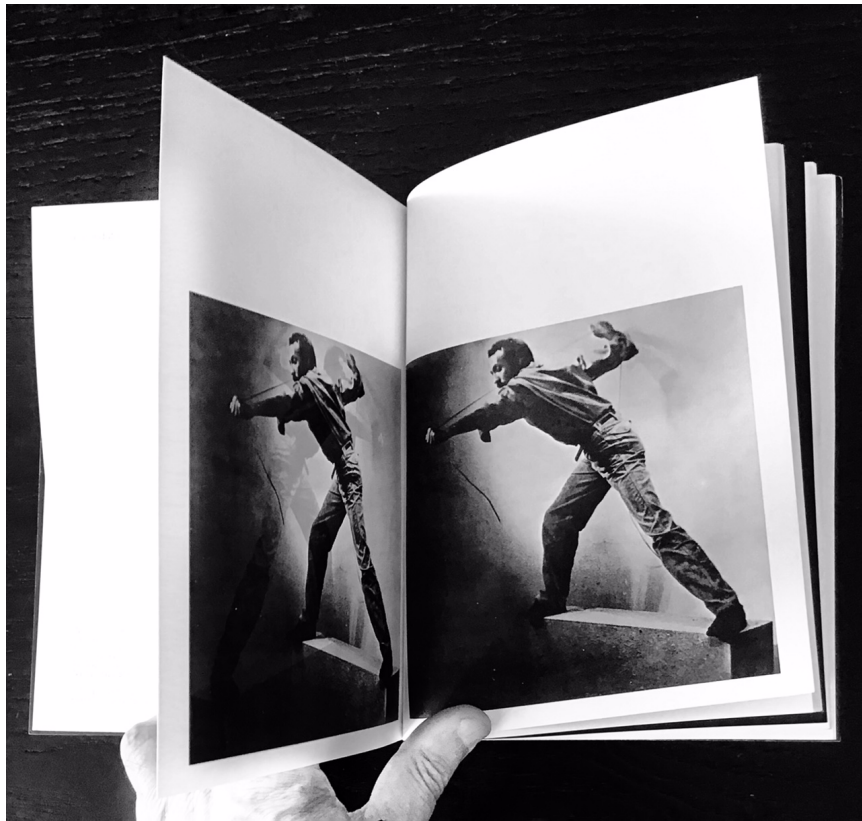
Performance não é certamente quadratura de círculo, mas o círculo gerado pela rotatividade do triângulo — e se nessas triangulações advogo para meu conforto, porque me confortam, as obras de Helena Almeida, Alberto Carneiro e Jorge Molder, no outro rosto lunar há um triângulo também. Mas um outro.

Nele, no seu primeiro vértice, habita essa imagem matriz de "Telefona-me". Telefona-me! Eram essas sempre as últimas palavras de Paula Massano mesmo a denunciar nos olhos a dúvida em certeza que a incerteza afogou. Toda uma fatal visitação do vácuo (*quando a mente se dilui como um vaso de água*).

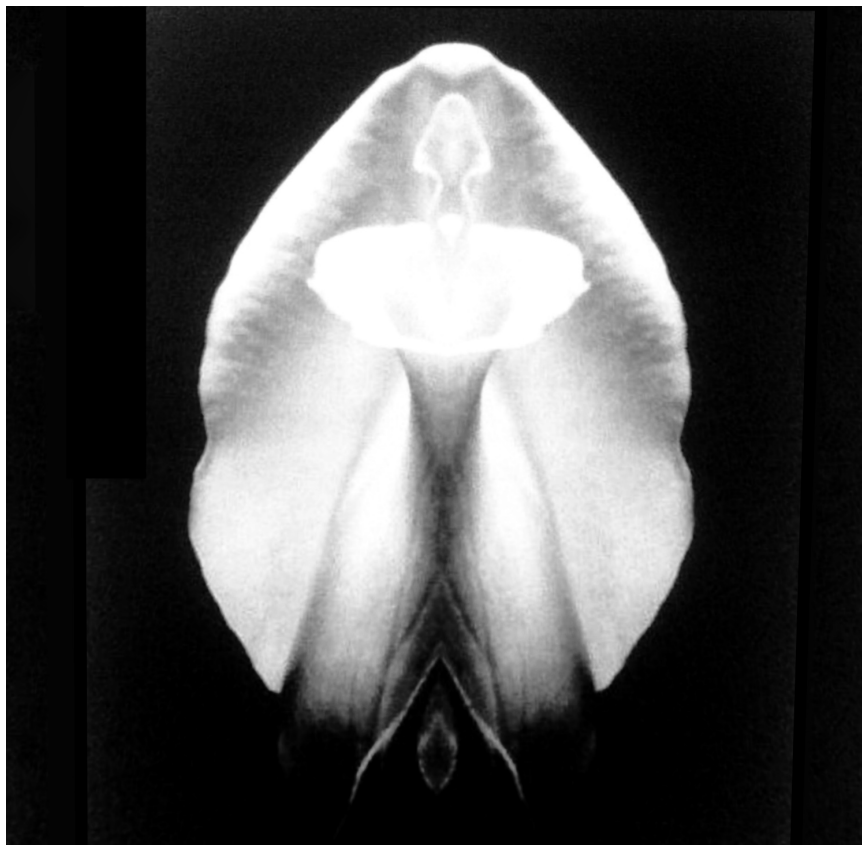
No segundo vértice, a imagem pálida de José Conduto na sua última performance antes de ser colhido pela morte. Nunca consegui apagar esse vulto dramático. Esse cenário amargo.

No terceiro vértice, a *personagem* autêntica de "aL(a)ma" (po-ex.net/). Não a personagem, mas o ser que lhe deu sentido. O seu ser sentido. Em performance, sobre a terra, a mulher libertava o seu leito afundado na torrencialidade (20 de fevereiro, 2010, Alto da Pena, Ilha da Madeira). Imagem que convoca um momento único do cinema de Guy Debord, esse quando a criança ao ser engolida pela lama se despede da mãe. Essa imagem é uma ferida que teimosamente me acompanha. Como uma faca enfiada no peito.

Mas Performance não é uma arte, antes um sangue que se tornou sémen, um sémen que se tornou sangue. Um elixir de condição. Condição de vida. De Vida em Arte. Ou será todo o seu contrário na magra navegação do Pintor? Todo um frio. Um frio metálico ao olhar a paragem do Bailarino no abismo da ribalta. Aí os pés em pedra fundem-se na lama de gelo. Apaga-se o movimento. E a certeza. Não será esta vítrea razão a Performance? O vago sentido do Bailarino-Pintor que queria ser de si a sua própria alma? Ou não será esta performativa condição a vontade que se desenha entre o vulto e a sombra — uma máscara para o pudor?



José Conduto (1951-1980).



AL(a)ma, António Barros, 2010.